
REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGANDA,
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA ◻ ◻ ◻

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VIII
II SERIE

JANEIRO 1924
N.º 139

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

A INDUSTRIA HOTELEIRA EM PORTUGAL

D'ENTRE as questões que se relacionam com o desenvolvimento do Turismo em Portugal, continua sobressahindo a relativa aos hoteis, sobretudo em Lisboa e Porto.

Ha, em Lisboa, cerca de uma duzia de hoteis; e no Porto, esse numero não chega a ser atingido; e se todos eles se acham quasi sempre repletos d'uma propria clientela, o certo é que, em boa verdade, são poucos, sobretudo em qualidade; pois uma grande parte d'esses hoteis — embora tenham sido actualisados, um pouco, os meios anachronicos da nossa antiga hotelaria — não oferece ainda as condições precisas — absolutamente indispensaveis — para o grande turismo.

Ninguém melhor do que os ilustres hoteleiros que representaram Portugal no Congresso de Hotelaria, recentemente realisado em Nova York, pode dizerse, na realidade, esta nossa modesta apreciação não é verdadeira.

Em nosso entender, esta situação depende de varios factores, avultando dentre eles, dois essencialissimos: a falta d'uma orientação criteriosa; e a ausencia de capitaes.

Quanto ao primeiro factor, a sua verdade é axiomática.

De facto, a industria hoteleira, em Portugal, é exercida por elementos heterogeneos, seguindo por isso — como realmente sucede a quasi todas as industrias do nosso Paiz — a orientação que a cada um se afigura mais criteriosa.

Isto, que parece não ter uma importancia decisiva no desenvolvimento da industria hoteleira, tem — a nosso vêr — uma influencia mais do que suficiente para lhe tolher o grau d'ação que ela exerce no turismo.

Este grande inconveniente é devido á falta de cooperativismo, que na America tem dado tão excelentes resultados; sistema que entre nós poderia ser concretisado n'uma Federação Hoteleira, como n'esta Revista já foi preconisado pelo nosso querido amigo sr. Leon Kues, Administrador Delegado da Companhia dos Hoteis Portuguezes de Turismo.

Esse distincto hoteleiro e o não menos proficiente industrial e nosso tambem querido amigo sr. Alexandre d'Almeida, que na America tiveram ocasião de verificar os resultados obtidos com essa orienta-

ção, podem bem testemunhar se a sua pratica em Portugal não seria o esteio do desenvolvimento da industria hoteleira, que é absolutamente indispensavel para que o nosso Paiz possa competir com todas as outras nações onde o turismo é um meio de protecção economica e de valorisação das riquezas nacionaes.

A exploração de hoteis, tanto em Lisboa, como no Porto, é — com raras excepções — feita por uma forma arbitraria. E se para a clientela portugueza — d'um modo geral — essa forma de proceder não é extranhavel, para os estrangeiros habituados a viajar, a instalarem-se nos Palaces, nos Ritz e nos Comodoros, a hotelaria portugueza apresenta ainda muitas deficiencias.

E a falta d'um verdadeiramente Grande Hotel, amplo e vasto, moderno e luxuoso, onde facilmente se alberguem os diferentes principes no mundo do sangue e das finanças e se apreciem as mais incontesteis comodidades e os mais modernos confortos, faz-se sentir d'uma forma tão manifesta, que não se explica bem n'uma capital importante como a nossa, com um excelente e invejavel porto de mar, onde entram os navios das mais importantes carreiras maritimas.

Porque não se explica essa falta?

Pela ausencia de capitaes.

Mas — dirá o leitor — para outras emprezas de menos valor e de resultados menos positivos e auspiciosos, sempre se encontraram capitaes promptos a auxiliar essas iniciativas!

E' factó. Mas o que é tambem um factó é que a industria hoteleira é de tal modo complexa, demanda tantos e tão variados requisitos e tal soma de capital para que seja exercida de forma a satisfazer as exigencias da actualidade, que a maior parte das pessoas com dinheiro lhe nega o seu concurso.

Preferirá outras applicações do seu capital, pensando que os resultados são mais proveitosos sem tantas preocupações.

Mas esta situação tem remedio.

Todavia, como não podemos nem devemos esperar que de fóra ele nos venha, parece acizado e oportuno que todos os

nossos hoteleiros deem uma grande prova da confiança que merecem e a industria que exploram, congregando-se n'uma Federação para a unificação e conjugação dos seus interesses e para o desenvolvimento d'essa industria, já ampliando as suas instalações, aperfeiçoando os respectivos serviços e melhorando o existente, já creando novos hoteis, d'entre os quaes possa sahir o que ateste, d'uma forma positiva, não só o nosso patriotismo e o desejo da legitima defeza dos nossos interesses comuns, mas tambem o cuidado que nos merece a exploração d'uma industria que o mundo inteiro considera hoje como absolutamente primaria.

São esses os nossos mais ambicionados votos e para a sua realisação a «Revista do Turismo» empregará sempre o seu melhor concurso.

J. L.

«REVISTA DE TURISMO»

POR razões bem alheias á nossa vontade e propriamente aos serviços d'esta Revista, fomos forçados, o mais contrariadamente possivel, a publicar o presente numero com grande atrazo.

Para essa falta cuja responsabilidade — aliás — não nos pertence, solicitamos a indulgencia dos nossos assignantes, leitores, anunciantes e amigos.

«REVISTA DE TURISMO»

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Portugal—Cont. — semest.	5\$00
Ano.....	10\$00
Colonias—ano.....	15\$00
Estrangeiro—ano.....	20\$00
Numero avulso	1\$000 réis (1\$00)

A Linha Lisboa-Paris-Marrocos

A SUSPENSÃO DA ESCALA DO PORTO DE LISBOA

COMO referimos em o nosso anterior numero, este assumpto é d'uma transcendente importancia para o nosso Paiz. Por isso tratámos de colher informações fidedignas que nos habilitassem a formar um seguro juizo sobre a situação e d'ela darmos um relato verdadeiro.

Segundo o que nos disseram os srs. Orey, Antunes & C.^a, representantes em Lisboa da Compagnie Générale Transatlantique, a suspensão da escala do porto de Lisboa na carreira de Bordeus-Casa Blanca não foi bem motivada por imposição das autoridades marroquinas. E' certo que um ou dois vapores foram obrigados a um especial tratamento em razão d'aquelas autoridades suporem que, de facto, existia doença infecciosa no porto de Lisboa; abandonando, depois, o rigor das exigencias impostas aos barcos que tocassem em Lisboa visto não se terem confirmado as suas suspeitas.

Prova-se, porém, que, como dissemos em o nosso anterior numero, houve a tal respeito uma falsa informação, que devia ter sido imediatamente desmentida pelo nosso agente consular em Casa Blanca ou em Tanger; mas isso não succedeu com a presteza que seria para desejar, se foi por essa fonte que realmente as autoridades marroquinas tiveram conhecimento da inexactidão dos boatos que motivaram a sua resolução, visto o regimen d'excepção por elas adoptado ter sido imposto a mais de um vapor.

Declararam ainda, os mesmos senhores, que o motivo principal da suspensão da escala de Lisboa na carreira de Bordeus-Casa Blanca foi principalmente *originado* na terminação do *modus-vivendi* existente entre Portugal e França, o que trouxe imediatamente para os navios d'esta ultima nacionalidade um incomportavel acrescimo de despesas sem compensação possível,

em virtude de, pelo mesmo motivo, os passageiros deixarem de vir a Lisboa para tomarem a carreira maritima, visto as taxas de transito applicadas a esses passageiros terem igualmente quintuplicado; o que não succede ás que são applicadas aos passageiros em sentido inverso. D'ahi a razão porque os vapores d'aquella companhia tocam em Lisboa na carreira Casa Blanca-Bordeus.

E', pois, este um caso bastante complexo, e tanto que passou á *argucia* da nossa *fin*a chancelaria. E tão complexo ele ainda é que, pretendendo-se, talvez, defender interesses portuguezes sem, contudo, se cuidar da melhor forma por que se devia fazel-o, se foi justamente agravar-os, pois n'este caso de serviço combinado Paris-Marrocos, via Lisboa, os interesses portuguezes, envolvendo muito principalmente as receitas do proprio Estado, foram prejudicadas por maneira sem igual nem compensação. Junte-se-lhes agora os das companhias de caminhos de ferro e outros, muitos, embora de somenos importancia mas que d'ahi recebem uma directa influencia, e ter-se-ha uma ideia exacta do disparate que se praticou, na obediencia a um raciocinio de talvez bafosa vaidade.

Triste sina a nossa!

Para se obviar aos grandissimos inconvenientes d'uma tal situação, os srs. Orey, Antunes & C.^a, como agentes da Compagnie Générale Transatlantique representaram ao Governo por intermedio da Associação Commercial de Lisboa; e a Companhia Portugueza e a da Beira Alta, interessadas directamente no trafego dos passageiros Paris-Marrocos, representaram já, igualmente, ao Ministerio dos Extranjeiros, expondo a situação e pedindo as mais urgentes providencias; tanto mais

que, tendo sido a combinação feita com a companhia marítima baseada na ligação imediata dos seus vapores com os comboios Sud-Express, essa combinação ficará sem efeito se o caso não tiver, por parte do nosso Governo, a rápida e eficaz solução desejada.

Eis, pois, o estado em que se encontra esta importante questão; aguardando-se

agora que o sr. Ministro dos Estrangeiros tenha uma oportunidade favorável para desfazer esta *gaffe* que *abona* sobremodo a chancelaria portuguesa.

Pela nossa parte juntamos o nosso mais vehemente protesto aos que clamorosamente se teem já manifestado; e pelo interesse que o assumpto tem para nós, não o deixaremos de mão.

O Congresso Internacional de Hotelaria em Nova-York

AS SESSÕES OFICIAES

COMISSÃO EXECUTIVA

A ADHESÃO INGLEZA

RELATORIOS

RESOLUÇÕES

PROSEGUINDO na descripção encetada no nosso anterior numero sobre o importante congresso hoteleiro realizado em New-York, vamos transcrever, da copia das actas das sessões officiaes realizadas em 19 de Novembro no Hotel Commodore, pela Comissão Executiva da Aliança Internacional de Hotelaria, o que de mais interessante foi resolvido.

A essas sessões assistiram os seguintes delegados: W. M. Clark e Addutt, pela Inglaterra; G. W. Sweeney e E. P. Hotte-lier, pela America; Moyaerts e Wiser, pela Belgica; Jorgensen e Andersen, pela Dinamarca; Lusnig, pela Hespanha; Per-réard e Desmeules, pela França; Van Stigt e Mulder, pela Holanda; Maspronne e Gallia, pela Italia; Alexandre de Almeida e Léon Kués, por Portugal; Ta Ka Ku, pelo Japão; Seiler e Emery, pela Suissa; Janson, pela Suecia; Koravik e Graf, pela

Tcheco-Slovaquia e Gaultier, secretario interprete.

As sessões foram presididas pelo sr. G. Barrier, representante da França e presidente da Aliança Internacional da Hotelaria, assistido pelos srs. Moyaerts, secretario geral da mesma Aliança e Desmeules.

A ordem dos trabalhos da primeira sessão foi a seguinte:

- a) Discurso do presidente.
- b) Adhesão da hotelaria ingleza.
- c) Apreciação geral sobre o futuro da Aliança Internacional de Hotelaria e convite a todos os delegados para promoverem a união, nos respectivos paizes, de todos os industriaes hoteleiros afim de obterem uma poderosa organização central.
- d) Exposição sobre o metodo de trabalho do congresso.

A alocação proferida pelo presidente, sr. Barrier, ao abrir a sessão foi cheia de reconhecimento pelo convite feito pela hotelaria americana, permitindo assim aos hoteleiros europeus estreitarem amistosíssimas relações com os seus colegas do Atlantico Ocidental, e conhecerem as belezas, as riquezas e as originalidades praticas da nação yankee.

Saudado e apoiado, com entusiasmo, referiu-se á primeira questão importante, que foi a adesão da hotelaria ingleza á Aliança Internacional, tendo feito, por palavras elogiosas, uma calorosa recepção aos dois delegados inglezes, cuja confirmação pela assembléa foi feita por aclamação.

O delegado inglez, sr. Clark, pronunciando um breve discurso de agradecimento, exprimiu á França, representada nos seus delegados, em nome da Grande Bretanha, a sua homenagem pelos esforços que essa nação prodigalisou para a formação da Aliança Internacional.

A seguir foi apresentado o Relatório Moral e Financeiro, elaborado após o congresso de Monaco e rectificado, em parte, na sessão do Comité Executivo realizada em Maio ultimo em Montreux-Lauzanne. Essas modificações consistiram :

1.º No que respeita á responsabilidade hoteleira, em serem adoptadas, de preferencia, as disposições do Código Suisso.

2.º Sobre a troca de pessoal de nação para nação, adoptou o principio da organização da permuta de pessoal entre os hoteleiros das diferentes nações sobre a base da reciprocidade.

3.º A respeito das oito horas de trabalho, incumbiu o secretario de compilar todas as informações sobre o assumpto; mantendo as anteriores questões relativas ás escolas hoteleiras, e ás medidas fiscaes anti-hoteleiras.

Sobre estas conclusões, o presidente informou que, tendo falecido o principe Alberto, de Monaco, que entusiasticamente patrocinava e se interessava pela Aliança Internacional Hoteleira e pelas questões que lhe diziam respeito, teve de haver um lapso, depois do que as negociações foram

retomadas pelo governo do principe Louis, com o fim da transmissão diplomatica dos votos expressos na conferencia. Porém, esse governo, comunicou em Julho de 1923 a impossibilidade em que estava de dar cabal seguimento ao assumpto; competindo agora, ao congresso, assegurar-se da realização das deliberações anteriormente tomadas.

Para isso foi votada uma revisão d'essas deliberações.

Em seguida, o sr. Barrier propoz a ordem dos trabalhos e dos votos do Comité que foi a seguinte :

- a) Organização cooperativa da hotelaria em cada nação.
- b) Permuta de pessoal.
- c) Relações com as agencias de viagens.
- d) Lei das oito horas.
- e) Reforma legislativa.
- f) Medidas fiscaes.

Cada uma d'estas questões teve a sua apreciação e discussão especial e a elas detalhadamente nos referiremos nos futuros numeros desta Revista.

Expedição e recepção de correspondencia em viagem

A Sociedade Propaganda de Portugal, d'acordo com a Administração Geral dos Correios e com a Direcção Geral das Alfandegas, vae brevemente inaugurar um grande melhoramento, da maior utilidade e d'uma pratica eficaz.

Trata-se dos postos de correio nas delegações aduaneiras junto das gares fronteiriças, permitindo aos viajantes em transito a expedição e recepção de correspondencia.

Segundo nos consta, o primeiro posto a ser inaugurado é em Marvão, seguindo-se outros em Vilar Formoso e Barca d'Alva.

E' este um assumpto cuja pratica a nossa *Revista* já em tempo sugeriu e defendeu, mas que só agora vae ter realidade; o que, todavia, não pode deixar de merecer o nosso louvôr.



CARTA DA MADEIRA

Funchal, Janeiro 1924

VENHO retomar hoje o meu lugar, cujo exercicio interrompi por diversos motivos que não veem para justificação da minha ausencia, por isso que nada interessam aos leitores da nossa bela *Revista de Turismo*.

Durante essa minha prolongada interrupção, alguns casos interessantes se produziram, a que já não me refiro por ter passado a oportunidade. Assim reportar-me-hei simplesmente aos que agora mais interesse possam despertar. Entre eles está a inauguração da *Associação de Turismo*, cujo titulo implica responsabilidades de vida que, por certo, será orientada de harmonia com os seus estatutos.

Não me detenho em apreciações, pois a acção d'essa Associação é que nos virá dizer se ela é conforme ou não com os interesses da Madeira, em cujo desenvolvimento ela pode e deve ter um grande e importante papel a desempenhar.

Como essa Associação ainda não tem séde própria, as suas reuniões tem-se realisado no edificio da Associação Catholica do Funchal, o que já é um bom pronuncio — o de que, pelo menos, ha dentro d'esse novo organismo gente d'ordem e de criterio que muito pode fazer se quiser.

...E bastante é preciso fazer.

Segundo nos constou, os seus Corpos Gerentes, no intuito de iniciarem a acção

d'essa Associação e de interessar pela sua vida o espirito madeirense, resolveram inaugurar as excursões da época com uma digressão pelos Alpes onde a neve tem abundado n'este inverno.

E' esta uma idéa feliz.

Tudo quanto possa despertar o amor pela terra natal, enthusiasma-lo e proporcionar que os seus filhos a conheçam bem, a estimem e a defendam, não pode deixar de merecer um geral aplauso. Não menos é de aprovar as vantagens physicas que as excursões proporcionam, mórmente n'este tempo, em que parece que o nosso antigo e valoroso sangue se acha um pouco dessorado.

E' pois de crêr que estas excursões venham a produzir resultados muito beneficos para a vida da Madeira, pois do contacto com as suas belezas nasce a sua melhor propaganda e o cuidado em as conservar, e da familiaridade com as exigencias brota sempre o remedio para as satisfazer.

Vae por aqui grande celeuma a proposito da devastação das matas e arvoredos no concelho de Calheta.

E' o espirito mercantil posto á prova por um vandalismo que a nada atende e só tem em mira um sentimento que até ha pouco era desconhecido dos portuguezes — a ganancia pelo dinheiro — que destroe outros e mais alevantados sentimentos.

Por toda a parte essa devastação se tem intensificado; e a tal ponto que, dentro de pouco tempo, a bela essencia de vinhatico — tão afamada — e outras especies que a Madeira se ufanava de possuir na sua rica e luxuriante flora, desaparecerão por completo para darem logar ao fabrico de carvão e a sementeiras de pevides de moganga!

E não brada aos ceus tanta inclemencia — meu bom Deus — n'um pequeno paiz em que o arvoredado constitue uma das mais formosas das suas preciosas joias!

— Como se obliterou por completo a idiosyncrasia d'este povo, outr'ora tão agarrado á sua terra, aos seus encantos, ás emanações que — milagre de Deus — lhes dava a alma sadia, a robustez de espirito necessaria para suportar as agruras da vida sem o unico fito que impera actualmente na sua idéa — ganhar dinheiro, muito dinheiro, seja como fôr!

Eis uma importantissima questão em que a Associação de Turismo da Madeira tem forçosamente de intervir, pois deve

estar dentro dos seus estatutos a obrigação d'ela intervir sempre que se pense ou haja alguem que queira cometer um crime de lesa-patria, como esse cujos fructos já se estão fazendo sentir.

E se se continuar a consentir que esse vandalismo crie fóros de direito, dois elementos preponderantes exercerão as suas consequencias em breve prazo de tempo: um fazer-se-ha sentir na temperatura, que muito sofrerá com a falta da acção amenisadora proporcionada pelas matas e florestas; o outro influirá directamente na escassez d'agua, além de facilitar a desagregação do terreno.

Bastavam estes dois factores — se outros tambem principaes não se manifestassem — para resolverem as entidades e auctoridades que teem a seu cargo a legitima defeza dos interesses da nossa querida Ilha, a tomar as mais decisivas e energicas medidas de protecção á nossa incomparavel riqueza florestal.

Chamamos, pois, d'aqui, a maxima atenção para o caso.

C. N.

NOTÍCIAS DIVERSAS

Feira Internacional de Bruxelas

A quinta Feira Comercial Oficial e Internacional de Bruxelas realiza-se de 1 a 16 de Abril de 1924, em colaboração com a Sexta Exposição de Borracha e d'outros productos tropicaes e industriaes que com ela se relacionam.

Em 1923, a Feira recebeu 1.200.000 visitantes e reuniu 2.402 expositores representando 24 nações diferentes, chegando a ser um dos centros mais activo de negocios na Europa.

O preço dos *Stands* na feira comercial foi fixado em 750 francos belgas. Os moveis e guarnições feitos sob os auspicios do Comité, custam aproximadamente 300 francos.

O Anuario *As Industrias Belgas* em

portuguez e 6 outras linguas, publicado pela Feira Comercial com o concurso dos departamentos ministeriaes e da Camara do Comercio, grupa sob 2.340 especialidades, as industrias que as produzem. Este anuario é mandado franco contra um vale postal internacional de 25 francos.

Turistas na Madeira

ALÉM de todos os navios de turistas cuja passagem pela Madeira é já conhecida, anuncia-se agora a ida aquela bela Ilha de dois grandes trasatlanticos italianos, ambos de mais de 20:000 toneladas: o *Conte Verde* e o *Duilio*, que brevemente tocarão no Funchal.

Ambos depois seguem do Funchal para um lindo cruzeiro pelo Mediterraneo, onde vão divertir o *spleen* americano.



A' GUITARRA

QUADRAS

*A tristeza e a alegria
 Não se podem apartar,
 Uma alegria sincera
 Termina sempre a chorar.*

*Há muita gente no mundo,
 A quem ouvimos cantar;
 E' a tristeza que canta
 A alegria a soluçar.*

*Oh guitarra geme o fado
 E' tão linda a tua voz
 Geme guitarra, repete
 O fado de todos nós.*

*Cordas da minha guitarra
 Tangidas com devoção:
 Dizei ao mundo chorando
 As maguas d'um coração.*

A exposição de trabalhos de Luiz Christino da Silva

A exposição de architectura e de quadros que o novel artista, sr. Luiz Christino da Silva, realisou na Sociedade Nacional de Bellas Artes, constituiu um verdadeiro successo.

A sua bela technica a que alia, além



LUIZ CHRISTINO DA SILVA
ARQUITECTO

d'uma sublime inspiração, o escrupulo d'uma cuidada educação artistica, collocam-no n'uma situação de prometedor destaque entre a pleiade dos novos.

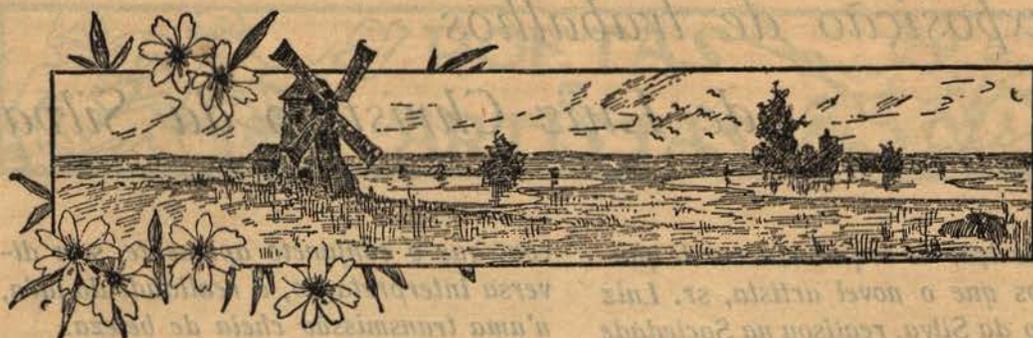
E', pois, com uma natural atração que prendem os seus trabalhos, por isso que n'eles se verifica a precisão, a agudeza de observação, a consciencia da factura, n'essa difícil applicação das proporções para que as figuras e os motivos tenham o relevo que lhes é relativo, o que faz

com que o conjunto apresente, sem diversa interpretação, a realidade da idéa, n'uma transmissão cheia de beleza.

Em Luiz Christino avalia-se a tara hereditaria que lhe vem de seu illustre pae e de seu distincto avô; e nos productos da sua delicada concepção apreciava-se, com o maior encanto, a Arte sem sofismas e sem a utilização dos recursos que denotam uma originalidade por excesso, ou por carencia de educação e de temperamento. Por isso a beleza dos seus trabalhos traduz-nos todo o encantamento da inspiração, impressiona-nos pela leveza, pela realidade, pela forma, denotando que foi uma verdadeira alma d'artista que os inspirou e que lhes deu vulto.

E' esta, de resto, a impressão não só nossa, mas colhida de todos quanto puderam assistir a essa feliz exposição.

Felicitando em Luiz Christino, o artista que vem aureolar de esplendor a galeria dos nossos mais gloriosos cultores de Belas Artes, endereçamos-lhe, bem como a seu estremecido pae, o nosso querido amigo e presado colaborador sr. Ribeiro Ghristino, a expressão da nossa mais sentida homenagem.



CAMINHADAS EXTREMENHAS

UMA VISITA A PORTALEGRE

PORTALEGRE! Portalegre! — ouvi eu clamar ao longo do comboio pelo seu guarda-freio, na gare da ridente cidade alemtejana. Peguei na minha pequena mala e pertences de pintura, e eis-me saindo da

de exames da sua excelente Escola Industrial.

Emquanto me acomodava na carripana puchada por robustas muares regionaes, lembrava-me, sorrindo, da minha confu-



PORTALEGRE — Vista Geral

estação do caminho de ferro, isto já próximo do sol posto, em demanda da diligencia do correio, que me transportaria, mais uma vez, á alcandorada povoação transtagana, onde ia tomar parte no jury

são, a primeira vez que ali fôra, ha anos.

Eu viera entretido a ver prepassar, durante a marcha do comboio, a paisagem mais ou menos identica de longinquos horisontes do imenso Alemtejo; e che-

gado á estação de Portalegre, procurara, com a vista, a silhueta da celebrada Cintra alemtejana; mas nada, só e sempre os extensos e ondulados campos continuavam a dilatar-se ante os meus olhos curiosos.

Perguntei, ali, a alguém, onde ficava a cidade, e mostraram-me uma distanciada colina: — *é ali*, disseram-me. Eu nada via da casaria, pelo que inquiri, então, a que distancia ficava! *A perto de doze kilometros* — foi a resposta: e acrescentaram: — *á hora do comboio vem o carro da carreira para os passageiros.*

Assim foi, e para lá me transportei com bastante aborrecimento meu, pois farto da



PORTALEGRE—Cruzeiro

víajata já eu estava, desde que partira do Barreiro, ou antes da hedionda barraca a que se deu o nome de estação do Terreiro do Paço.

Agora seguia, talvez, no mesmo carro, com mais uma meia duzia de passageiros, ao longo da rectilinea estrada portalegrense, felizmente ladeada de desenvolvido arvoredado, para evitar a ardencia do Sol.

Este grande afastamento de uma importante cidade á sua estação ferro-viaria,

fez-me «especie» — como sóe dizer o povo — e n'essa ocasião fiz notar isso a um dos companheiros, com quem travara conhecimento no comboio; censurando eu que tal tivesse assim sido projectado pelos engenheiros da construção da linha ferrea. Porém, com espanto meu, foi-me afirmado que o afastamento fôra pedido por personalidades da cidade, ao tempo da construção da estação, com o fundamento de que o comercio local perdia!!!, e portanto que ficasse lá bem longe. *Si non és vero...*

Hoje, com certeza, os descendentes d'esses preópinantes portalegrenses torcem a orelha ao verem Beja e Evora com as suas estações mesmo ao pé das ultimas casas das suas magnificas cidades, facilitando o comercio local e levando-lhe abundante turismo. Escusado é dizer que Portalegre não merece menos a visita dos que amam viajar pelo prazer de conhecer as belezas regionaes. Estabelecida, como está, no alto de um dos contrafortes da pitoresca serra de S. Mamede, é realmente notavel pela sua desafogada situação, belo aspecto e suas interessantes edificações.

Com estas reflexões ia eu passando a monotonia da carreira, quando alcançámos um grupo de baixas casas, com a competente venda de vinho, onde a deligencia parou, para que o automedonte e um ou outro passageiro sequioso, tomassem agua... Seguiu-se depois mais outra tirada de estrada, e esta de respeito, por que era em ladeira, e que nos levou já noute fechada aos primeiros prédios d'aquella lado da cidade; depois ainda percorridos mais uns lacêtes, passou-se um profundo arco, até que a deligencia parou junto á estação telegrafo-postal, a seguir a um comprido largo cercado de bons edificios, entre os quaes a alterosa fachada barôcojesuita da Sé; á frente de um palacio antigo; a Escola Industrial e suas oficinas, que tudo no escuro do monte se destacavam.

No dia seguinte, depois de ter repousado no provinciano hotel, aliás inferior

ao valor da cidade, eis-me a deambular pelas ruas e praças de Portalegre, sendo a principal e mais alta aquela exactamente aonde eu chegara na vespera, pois d'ali para quasi todos os lados as calçadas «degringolavam» por ali abaixo.

Naturalmente, afóra as perspectivas, interessavam-me tambem as edificações de maior vulto, isto além de observar os costumes populares tradicionaes em povoação ancestral, como os negros muros do seu castelo me afirmavam ser Portalegre.

Assim apreciei a elevada Sé portalegrense no seu fâcies barôco-jesuíta, século xvii, com as suas duas torres symétricas de cada lado; o fronteiro bem architectado palacete brazonado, actual séde do Gremio ou assembléa do elemento preponderante da cidade; agora, mais afastado, deambulava pela alongada praça laçada do mercado citadino, observando as suas vendedeiras com os seus característicos trajés campezinos, emquanto a um lado, o longitudinal, eu seguia com a vista o extenso edificio do Governo Civil no seu harmonico estylo pombalino.

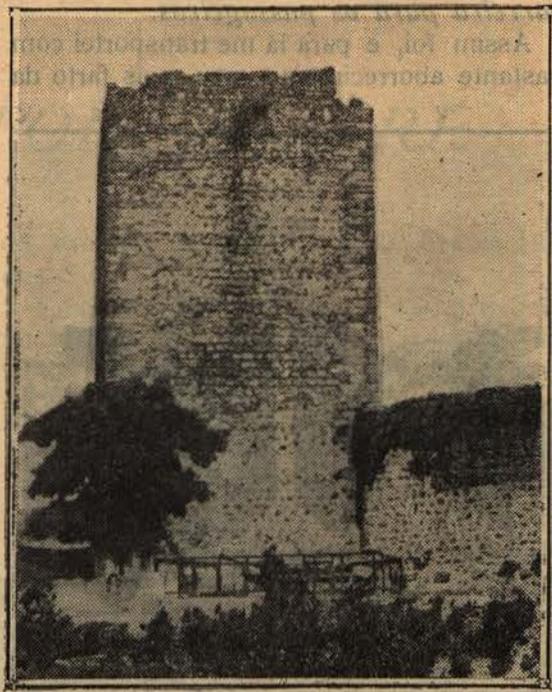
Interessante era observar agora n'outro ponto os velhos arcos, ou postigos, da dismantelada cêrca-muralha da cidade, d'onde em onde se ergue ainda algumas arruinadas quadrélas emergindo da casaria, esta com o seu branco de cal faiscante sob os raios solares. Um d'esses arcos, o das Devezas, erecto no pendor de uma extensa calçada, é soberbo, pois apresenta arco duplo, ou seja um sobre outro, encimado ainda por um andar com algumas janelinhas, rematada de frizo decorativo sob o beiral. Por partes surpreende-nos a vista artisticos ornamentos em relevo obtidos, á colher, nos edificios, por déstros pedreiros, que desde antigos tempos vão transmitindo a sua arte de paes para filhos.

Agora na parte baixa — pois Portalegre tambem tem Baixa — a vista desafoga-se, n'esse outro horisonte que é muito alegre e interessante pelo aspecto de varios edificios, alguns de belo e acidentado porte, como seja o antigo seminario, hoje quartel de infantaria; pelo frondoso arvoredado que a enfeita e tendo por fim o remate de um

excelente jardim publico, muito bem cuidado e sombreado que é um magnifico refugio dos ardores estivaes.

Por ultimo depara-se, já ao extremo do arrabalde com um curioso bairrosinho, de picaresmo nome local, pobre mas de regularizado aspecto, tendo todos os pequenos predios, á frente seu pateosinho, em que se erguem minusculas parreiras com seus pampânos ou trepadeiras.

De varios pontos da cidade, vê-se relativamente proximo erguer-se um agreste e



PORTALEGRE—Torre do Castelo

acidentado cêrro, conhecido pelo Calvario, o qual parece avançar ameaçador em direcção a Portalegre, e que afinal ostenta no ponto mais alto da sua pedraria um singelo cruzeiro, que lhe dá o nome.

O turista, que a esta altura já deve estar moído das pernas — porque a pitoresca cidade não é nada pequena — tem ainda que ir admirar mais um ponto de vista, que não deve deixar de ir ver, e é ele uma capelinha chamada de Sant'Ana, a qual fica n'um alto, a cavaleiro da cidade, de forma que toda a Portalegre se observa d'ali no seu pitoresco conjuncto, e que pa-

rece estar o observador vendo-a de aeroplano; avistando-se depois lá para longe, a uma banda, os intermináveis campos alentejanos, e, ao outro lado, parte da planturosa serra de S. Mamede, deliciosa estância alpestre cheia de matas de cravinhos, sobreiros e outras arvores de grande porte. E' n'ela que percorrendo-a em caminho para Castelo de Vide — pois também ha

estrada pela planície — do seu ponto mais elevado se avista, n'um isolado monte, a velha povoação raiana de Marvão, toda rodeada de desmantelada fortaleza e de onde os habitantes, segundo o curioso dizer local, *vêem os milhafres pelas costas!* — tal é a altura em que fica a historica vila fronteiriça.

RIBEIRO CHRISTINO

O TURISMO EM PORTUGAL

A SUA ACTUAL SITUAÇÃO

NÃO podemos deixar de archivar n'estas columnas a entrevista concedida, ha dias, pelo distincto Director da Repartição de Turismo, sr. dr. José de Athayde, a um redactor do nosso colega «Diario de Noticias» d'onde a trasladamos com a devida vénia.

Refere se ella á actual situação do turismo em Portugal e nas suas breves palavras o sr. dr. José de Athayde synthetisa as causas que, em seu entender, teem obstado ao natural desenvolvimento, em o nosso Paiz, d'essa industria florescente em todas as outras nações onde lhe reconhecem o seu altissimo valor e o importante papel que desempenha na vida economica e social do mundo.

«— Não ha então nada, por parte do Estado, em materia de turismo? Nem leis, ao menos?...

— Ha. E até — deixe-me dizer-lh'o — nunca é demais falar acêrca da lei de 23 de abril de 1921, que, a par da lei de 28 de novembro do mesmo ano, — destinada esta ao beneficiamento das nossas estradas — é a melhor coisa que nos ultimos anos tem saído dos prelos da Imprensa Nacional. Essa lei vem, por forma incontestavel, solucionar o nosso problema de turismo, problema este tão intimamente li-

gado ao resurgimento do Paiz. Infelizmente, a maior parte das auctoridades, a quem cabe a promoção da execução de tal lei, por indolencia, por apathia, ou por qualquer outro motivo, não constituíram as comissões de iniciativas, nas estancias classificadas, segundo a lei; tendo, assim, o Paiz perdido uma enorme soma de melhoramentos.

— Tem, pelo visto, muita confiança na eficacia da applicação de semelhante medida?

— Decerto. Nas estancias onde foram constituídas comissões de iniciativas e onde se tem cobrado a taxa de turismo, estão sendo executadas importantes obras, com o fim de as modernizar e de proporcionar aos seus frequentadores as comodidades e confortos, hoje exigidos em tais meios.

Se não fôsse essa lei, em caso algum as nossas estancias poderiam realizar as obras de embelezamento e outras, de que carecem. Devido a ella, exclusivamente a ella, as estancias do Bussaco e Luso, Curia, Entre-os-Rios, Vila do Conde, Espinho, Coimbra, Figueira da Foz, Cascaes, Caldelas, Vizela e algumas outras, onde tem sido cobrada a taxa de turismo, estarão, muito brevemente, em condições de satisfazer ás exigencias do viajante mais *raffiné*.

— Mas, não se tratará, antes, de mais um encargo, de mais um embaraço?

— Não. Essa pequena taxa, que em nada agrava os orçamentos d'aqueles que, todos os anos, se divertem nas nossas estancias de vilegiatura, vem solucionar o nosso problema de turismo. Sem ela, seria absolutamente impossível que as nossas estancias conseguissem os melhoramentos de que necessitam. Das receitas privativas das comissões de iniciativas, cabem á minha Repartição uma determinada percentagem, destinada exclusivamente aos serviços de turismo.

Os nossos monumentos reclamam atenções que lhes não são prestadas. Nos nossos castelos abrem-se rasgões e fendas que precisam ser reparados. Por todo o Paiz, fóra da acção das comissões de iniciativas, bens que constituem o melhor do nosso patrimonio artistico e architectonico, solicitam a protecção do Estado. São capelas, conventos, ermidas, castelos, casas historicas caindo em ruinas.

Para todos esses despojos venerandos e para muitas outras iniciativas é que é destinada a percentagem recebida pela Repartição de Turismo.

— E da iniciativa particular, nada ha tambem a esperar?

— Como disse, muitas das nossas autoridades administrativas, não constituiram as comissões de iniciativa, de onde resultou um grande atraso na realização dos melhoramentos de que o nosso paiz tanto necessita.

Vão ser tomadas providencias, de forma a que, muito brevemente, em todas as nossas estancias, se organizem as comissões de iniciativas e se promova a cobrança da taxa de turismo. Tudo faz prever que o nosso paiz, dentro de poucos anos, sob o ponto de vista do turismo, em nada fique atrás das nações que, em primeiro lugar, exploram, como a sua mais rendosa industria, a industria de vilegiatura.

A esta hora estão-se a construir em Lisboa e na provincia alguns hotéis que deverão ficar em boas condições de funcionamento. Anuncia-se a organização de varias empresas com o objectivo da edificação de hotéis. Parece que o nosso problema hoteleiro, desta vez, vai ser solucionado. Isto quanto a hotéis.

— Em resumo...

— Da organização das comissões de iniciativas e da applicação da taxa de turismo, grandes beneficios resultarão para o nosso país. O que se torna necessario é que se não criem embaraços á acção d'aqueles organismos e que a minha Repartição possa, á semelhança das suas congéneres estrangeiras, largamente dotadas, como «Ente Nazionale per le industrie Turistiche» da Italia, ou o «Office National du Trisme» de França, realizar o vasto programa de iniciativas, ha muito planeado.

CAMINHOS DE FERRO

EXPRESSO PORTO-VIGO

COM o horario ha pouco posto em vigor pelos caminhos de ferro do Minho e Douro e pela Companhia espanhola de Orense a Vigo, e que permitiu o estabelecimento d'um comboio expresso entre Porto e Vigo, com carruagens directas, ficaram muito melhoradas as relações do

Norte de Portugal com a Galiza, pois a Companhia espanhola pôz em circulação, entre Valença do Minho, Tuy e Guilharey, três comboios diarios em vez de um, que até então ali existia, estabelecendo assim ligação imediata de todos os seus comboios com os do Minho e Douro; podendo agora fazer-se a viagem sem interrupção, de Vigo, Santiago, Pontevedra, Orense, Monforte, etc., para Viana do Castelo, Braga, Porto e Lisboa.

Os caminhos de ferro do Minho e Douro, que ha muito trabalhavam para este resultado, viram agora os seus desejos satisfeitos; sendo de esperar, que em vista das facilidades oferecidas, no proximo verão as nossas praias e termas sejam muito visitadas por turistas do paiz visinho, especialmente do Norte.

«SUD-EXPRESS»

SEGUNDO uma estatística feita por uma das Companhias interessadas no trafego de passageiros internacionaes, os comboios «Sud-Express» foram utilizados durante o ano de 1923 por 11048 passageiros.

Comparando esse numero com o que representa a utilização dos mesmos comboios no ano de 1913, anterior á grande guerra europeia e, portanto, quando esse trafego estava tomando um auspicioso desenvolvimento, numero que foi de 10214, verifica-se que, não obstante a anormalidade da situação mundial, ha uma diferença para mais a favor do ano findo, de 1034 passageiros.

Este resultado justifica os esforços que se tem feito no sentido de desenvolvimento d'este importante ramo do trafego internacional e é suficiente para que se lhe dediquem os maiores cuidados e todas as facilidades, pois do seu maior aproveitamento muito tem a lucrar o nosso Paiz.

HOTELARIA PORTUGUEZA

LISBOA-PALACE-HOTEL

POR portaria do Ministerio do Comercio publicada no *Diario do Governo* n.º 24, II série, referido a 21 de Janeiro, foi deferido o requerimento da Sociedade «Lisboa-Palace-Hotel», com séde provisoria na rua Augusta, 193, 1.º, para a construção d'um hotel e anexos na rua Eugenio Santos, 106 a 110, e terrenos confinantes para o nascente, visto satisfazer o preceituado no artigo 2.º do decreto n.º 1121 de 28 de Novembro de 1914 e o artigo 1.º do Regulamento de 15 de Junho de 1915, relativo á execução do mesmo decreto.

Outrosim, manda aprovar o projecto geral do hotel a que essa construção se refere, devendo a sociedade requerente apresentar oportunamente á aprovação do Governo os projectos de detalhe da construção do mesmo hotel e das diferentes instalações anexas, de harmonia com as disposições do decreto e regulamento citados.

NOVO HOTEL EM SANTAREM

ACABA de abrir em Santarem um novo hotel, dotado de conforto e do mais moderno aspecto: é o Hotel Lusitano.

A sua situação no centro da cidade, proporciona-lhe um facil acesso.

Com este melhoramento, a interessante cidade de Santarem oferece mais uma comoda instalação aos seus visitantes, cujo numero augmenta de ano para ano.

A «ESTALAGEM ALEMTEJANA»

VAE ser promulgado como lei um projecto de lei apresentado no Senado cedendo o ex-convento de Santa Helena de Monte Calvario, de Evora, ao Grupo Pró-Evora. Em face d'esse novo diploma, esse Grupo fica obrigado a reparar gratuitamente e convenientemente o mencionado ex-convento, mantendo-se-lhe rigorosamente o seu estilo primitivo, com a condição, em nada prejudicial para o Es-

tado, de o explorar sob o ponto de vista do turismo, instalando n'ele uma comoda e aprazivel «Estalagem Alemtejana», onde aqueles que cultivam o amor pelo belo e por tudo quanto represente valor artistico possam encontrar uma hospedagem não

só higienica e asseada, mas ainda com as características da região, debaixo do ponto de vista do mobiliario e até mesmo pelo que respeita á culinaria.

Será d'esta vez que Evora terá um hotel?

MELHORAMENTOS LOCAES

A persistencia, aliada a uma vontade bem orientada e bem respeitada, não encontra obstaculos que não vença, como não deixa de ter auxilios que mais a estimulem.

E' assim que o nosso muito distincto amigo e ilustre presbitero de Nossa Senhora da Lapa, rev.º padre Francisco Pinto Ferreira, tem conseguido realizar uma parte dos seus mais acrisolados desejos.

D'uma interessante carta que acabamos de receber de Sua Reverencia, permitimo-nos a liberdade de transcrever os periodos abaixo, que mostram claramente quanto vale a vontade, a inteligencia e a previsão, além d'um acendrado amor pelo sacerdocio a que esse eminente parochio se dedicou.

«A minha vida é, na verdade, occupadissima, sem ter quasi um momento de meu; sendo obrigado a, diariamente, atender a mil coisas diferentes. Mas o que actualmente mais me occupa e preocupa são, ainda, os trabalhos da estrada para o Sanctuario. Tem-me faltado pessoal operario, porque d'esta região — assim como de quasi todo o Paiz — o exodo para o Brazil, França e Lisboa tem sido numerosissimo; resultando d'ahi grandes dificuldades para todos os trabalhos. Pessoal dirigente tambem aqui não ha, e só o poderia obter por preços exagerados que os orçamentos não permitem. Por isso sujeito-me a todos os dias fazer o percurso de 16 kilometros, ida e volta, para dirigir

A ESTRADA PARA O SANCTUARIO DE NOSSA SENHORA DA LAPA

os trabalhos e não abandonar a minha casa.

D'esta forma consegui já que fossem ultimadas as terraplanagens e obras d'arte na parte do lanço da Estrada Nacional n.º 44 que dá acesso ao ramal para Nossa Senhora da Lapa, devendo principiar brevemente o empedramento n'esse lanço.

Tambem penso em promover aqui na Lapa, a construcção d'um hotel, que é de absoluta necessidade e para o qual já adquirir terreno preciso e alguns materiaes».

E' este um exemplo admiravel pela persistencia e tenacidade; e, sem duvida, a bela obra a que o ilustre padre Pinto Ferreira se dedicou, qual seja a de defeza, protecção e propaganda do Sanctuario de Nossa Senhora da Lapa que, constituindo uma valiosa reliquia do nosso patrimonio, domina uma região toda cheia de encantos, ha de ser coroada com o melhor exito e não lhe faltará o concurso dos que, admirando-a, para ela queiram contribuir com o melhor do seu esforço e do seu entusiasmo.

A *Revista de Turismo*, que tem pelo venerando parochio uma sincera admiração, faz votos para que essa obra — que significa, por certo, uma boa parte do seu ideal — se realice com a facilidade que todos desejamos.